

RESENHA DO LIVRO "IDEIAS PARA ADIAR O FIM DO MUNDO"

REVIEW OF THE BOOK "IDEIAS PARA ADIAR O FIM DO MUNDO"

Lara Novis Lemos Machado Pereira Cardoso [laranovis@gmail.com]

Pós-graduanda em Educação e Divulgação Científica, IFRJ Campus Mesquita

RESUMO

Essa resenha tem como objetivo analisar o livro "Ideias para adiar o fim do mundo", do autor indígena Ailton Krenak, que propõe um questionamento sobre a vida que estamos vivendo como humanidade e o futuro do próprio planeta. Na obra, que é fruto de palestras ministradas pelo autor, encontramos três capítulos, que levam o leitor a uma reflexão sobre o passado, o presente e o futuro da humanidade. Primeiramente, no texto que dá título à obra, o autor discute a ideia de que somos uma humanidade, trazendo, à luz de suas reflexões, as inúmeras implicações de uma homogeneidade simplificada do termo. No segundo momento, o autor apresenta as várias cosmovisões sobre o que é habitar a Terra e, no último capítulo, Krenak se debruça sobre os dias do amanhã e de como o que fazemos hoje poderá impactar o futuro de todo o planeta. Provocativos, inspiradores e extremamente críticos os textos de Krenak são uma reflexão sobre o nosso próprio ser e o que queremos para o futuro.

PALAVRAS-CHAVE: Humanidade; Meio Ambiente; Cosmovisão.

ABSTRACT

This is a review of the book "Ideias para adiar o fim do mundo", by the indigenous author Ailton Krenak, who examines the life we are living as humans and the future of the planet itself. In the work, based on lectures given by the author, we find three chapters that lead the reader to a reflection about the past, present and future of humanity. First, in the text that gives title to the book, the author questions the idea that we are a humanity, writing about the countless implications of a simplified homogeneity of the term. In the second moment, the author presents various worldviews about what it is to inhabit the Earth and, in the last chapter, brings up a discussion on the days of tomorrow and how what we do today will impact the future of the entire planet. Provocative, inspiring and extremely critical, Krenak's texts are a reflection on our own being and what we want for the future.

KEYWORDS: Humanity; Environment; Cosmvision.

APRESENTAÇÃO

Ailton Krenak é um dos principais escritores, ambientalistas e ativistas indígenas do Brasil. É considerado uma das maiores lideranças do movimento indígena brasileiro, com reconhecimento internacional. Pertencente à etnia indígena *Krenak*, nasceu na região do Médio Rio Doce e, na década de 1980, passou a se dedicar à causa indígena, sendo fundamental para que a Constituição de 1988 garantisse os direitos dos povos nativos. A sua manifestação com a pintura de pasta de jenipapo, em uma das sessões da Assembleia Constituinte, foi um

ato marcante para a época, e representava o seu luto por todo retrocesso em relação aos direitos dos povos indígenas.

A obra “Ideias para adiar o fim do mundo” é uma manifestação da sua liderança crítica em relação à ideia de humanidade separada da natureza. Para Krenak, o consumismo desenfreado, a falta de respeito para com a ecologia e o desastre socioambiental da contemporaneidade podem levar o planeta a um fim. Logo, essa obra traz reflexões para adiar esse fim, provocando o leitor a repensar sua forma de estar no mundo.

INTRODUÇÃO

O presente livro é composto por um compilado de palestras realizadas por Krenak, em Lisboa, entre os anos de 2017 e 2019. Divide-se em três partes. A primeira palestra, que dá nome ao livro, “Ideias para adiar o fim do mundo”, foi realizada em 2017; a segunda, que originou o segundo capítulo, “Do sonho e da terra”, realizada em 2019; e a última seção “A humanidade que pensamos ser”, é a adaptação de uma entrevista realizada em 2017. Apresentando a cosmovisão de um dos povos indígenas, que é contrária à exploração excessiva da natureza, o autor discute o futuro do planeta e, conseqüentemente, o futuro da humanidade, buscando apresentar formas de adiar a destruição da vida. Sendo assim, essa é uma obra que apresenta reflexões sobre o tempo presente e o futuro como possibilidade ainda em aberto.

CAPÍTULOS

IDEIAS PARA ADIAR O FIM DO MUNDO

O capítulo de abertura traz o questionamento: “Somos mesmo uma humanidade?”. Essa pergunta vai permear toda uma reflexão sobre cosmovisões, culturas, liberdade, capacidade de criação, ser e estar no mundo.

Dialogando na busca por uma resposta ao questionamento anterior, o professor de direito ambiental, Daniel Lourenço, argumenta que “a vida humana seria singular a ponto de proibir qualquer comparação, e merecedora de respeito a partir do complexo investimento criativo que representa – tanto do ponto de vista biológico quanto humano” (LOURENÇO, 2019 P.55). Uma vez que a vida humana é colocada como prioridade, pode-se concluir, então, que seria legítimo a instrumentalização da natureza em nome da garantia de uma maior qualidade de vida para si própria?

Há uma grande diferença entre a prioridade da vida humana e a prioridade dos interesses humanos, logo, que vida é essa que deve ser vista como privilegiada? A vida como direito universal ou a vida como usufruto? Para esse debate, Krenak defende o fato de que a vida não é uma barganha ou incessante satisfação de desejos particulares. Não se pode negar a diversidade e muito menos a subjetividade da vida. O ambiente que queima, por exemplo, é habitat de outras espécies e povos que não têm voz. Com o argumento “a vida humana deve ser prioridade”, não é de TODA vida humana que se está falando. O argumento traz uma certa hierarquia de que grupos que devem ser privilegiados, classificando os caçaras, índios, quilombolas, aborígenes, por exemplo, como sub-humanidade.

Ao longo do texto Krenak leva à reflexão de qual seria o valor da natureza e, ainda, qual o impacto de pensar a natureza segundo esse valor. É preciso compreender que a questão da natureza exige um investimento reflexivo. O autor faz uma crítica ao “mito” da sustentabilidade, pois é irracional o processo de exploração da natureza para manter os padrões de consumo e

acumulação de capital. Por isso ele propõe que é necessário um novo conceito de humanidade que leve em consideração o meio ambiente como parte integrante.

DO SONHO E DA TERRA

Neste capítulo, Krenak reflete sobre o Antropoceno (termo que pode ser usado para nomear a Era em que vivemos) e de como o humanismo e o ecologismo geram embates. Ao considerar a ética ambiental sob o ponto de vista antropocêntrico, a natureza está subjugada ao homem. O meio ambiente deve, então, segundo essa ótica, ser gerido e cuidado de tal modo a garantir a maximização e o prolongamento temporal da realização das satisfações humanas.

Segundo o senso comum dever-se-ia viver em equilíbrio com o meio ambiente, mas essa visão abre a possibilidade de proteger e explorar segundo o mesmo critério. Ela ainda mantém o homem no centro, uma vez que o equilíbrio é buscado, visando manter os recursos para que possam ser explorados econômica, estética, científica e recreativamente por mais tempo e por mais gerações. Sendo assim, a rejeição do antropocentrismo deve ser ontológica e ética: o homem como espécie não deveria ser considerado mais especial do que as outras espécies.

Quando os interesses são diametralmente opostos dessa maneira, é praticamente impossível conciliar o modo de vida e produção das comunidades tradicionais, de um lado, e o extrativismo, o agronegócio, a mineração, os pescadores industriais, de outro. Tais embates estão sempre carregados por ameaças, disputa de poder, violência contra os moradores e contra os animais.

Não há conciliação possível entre, de um lado, o avanço de um modelo caracterizado pelo consumo massivo de recursos naturais e pelas produções e exportação de produtos primários e, de outro, onde são fundamentais o cuidado com a natureza e o uso de baixo impacto feito pelas comunidades, buscando a perdurabilidade dos bens naturais no tempo como desafio. (MONTENEGRO; ROCHA. 2017 p.151)

O desenvolvimento a qualquer custo implica ter um modelo primário-exportador, que é guiado pelos interesses de um capital que se acumula na espoliação, e esse é o retrato da situação em todo o nosso país, infelizmente. Portanto, possibilitar que as comunidades nativas e tradicionais tenham acesso a terra, água e condições de plantio é uma forma de resistência, no sentido de sobrevivência e no sentido de ir contra a lógica capitalista desenvolvimentista.

A HUMANIDADE QUE PENSAMOS SER

O último texto que compõe o livro retoma a discussão sobre a humanidade e abre caminhos para pensar um outro tipo de existência possível. A perspectiva homocentrada, em que os valores, práticas, demandas, interesses e necessidades humanas seriam mais importantes do que a de outras espécies e da própria natureza, que, nesse caso, possuiriam apenas valor instrumental, já não cabe mais, pois isso é negar o próprio direito de existência do outro.

Defender as práticas das comunidades tradicionais se dá sempre em um lugar de conflito e tensão, pois elas se chocam com as diretrizes do desenvolvimento moderno-colonial, que se mostra hegemônico em nossa sociedade. É preciso superar esse tipo de reprodução econômica ou social de desenvolvimentismo para dar lugar a saberes mobilizados que possibilitem uma relação de respeito com a natureza e os bens comuns no futuro próximo, se construído a partir de um presente questionador e não-conformista.

A sobrevivência da quase totalidade dos seres vivos pressupõe a existência de outros viventes: toda forma de vida exige que já haja vida no mundo. Os homens precisam da vida produzida pelos animais e pelas plantas. E os animais superiores não sobreviveriam sem a vida que trocam reciprocamente

graças ao processo de alimentação. Viver é necessariamente viver da vida de outrem: viver na e através da vida que outros souberam construir ou inventar. Há uma espécie de parasitismo, de canibalismo universal, própria ao domínio do vivente: ele se alimenta de si mesmo, só contempla a si mesmo, precisa disso para outras formas e outros modos de existência. Como se a vida em suas formas mais complexas e articuladas nunca passasse de uma imensa tautologia cósmica: ela pressupõe a si mesma, só produz a si mesma. É por isso que a vida parece poder se explicar a partir de si mesma (COCCIA, 2018, p.14)

O filósofo Coccia ajuda na reflexão sobre a temática central do livro, que pode ser resumida como o risco cada vez maior e iminente da destruição da vida no planeta, uma vez que a sociedade capitalista segue explorando a natureza, sugando seus recursos, exaurindo-a de modo predatório. Dialogando com Krenak, o filósofo expõe sua cosmovisão, que vai na contramão de toda essa lógica predatória. Segundo ele, os elementos da natureza – montanhas, rios, pedras, etc. – são sagrados e devem ser respeitados.

O desejo de adiar o “fim do mundo” estaria ligado à resiliência, à qualidade de não desistir e resistir. Tal capacidade é característica dos nossos povos originários que resistem, lutam e insistem em adiar o fim de seu mundo, da sua cultura, “e a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim”. (KRENAK, 2020 p.27).

CONCLUSÃO

Ao trazer a reflexão sobre o sentido da vida em sociedade e do próprio sentido da experiência da vida em si, Krenak faz um convite para pensarmos sobre o nosso amanhã e o que esperamos para o futuro da própria humanidade.

Esse é um convite de reconexão com a Terra, no sentido de Terra Mãe, com a natureza que nos cerca e menos com o consumismo e as mercadorias. A existência desequilibrada com a tecnologia e a exploração - em todos os sentidos: econômico, político, cultural, social - mudou a mentalidade humana e tem levado ao extremo os limites da natureza. O individualismo trouxe consequências que ainda são reversíveis se mudarmos nossos hábitos.

O chamado para o futuro que Krenak provoca e evoca precisa começar com uma mudança de consciência ecológica e com a percepção da importância de se trabalhar por um mundo são. A humanidade está cada vez mais doente. Assim como a nossa casa em comum, o nosso planeta.

O adiamento do fim do mundo começa com uma ecologia íntegra. É preciso que se leve a sério a deterioração ética e ambiental que caminha de mãos dadas com essa crise em que um rio possa ser poluído pelo progresso econômico. Enquanto essa justificativa for levantada, continuaremos presos ao que nos colocou na situação em que estamos.

REFERÊNCIAS

COCCIA, Emanuele. **A vida das plantas: uma metafísica da mistura**. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**, 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LOURENÇO, Daniel Braga. **Qual o valor da natureza? Uma introdução à ética ambiental.** São Paulo: Elefante Editora, 2019.

MONTENEGRO, Jorge; ROCHA, Otávio Gomes. A ordem moderno-colonial do desenvolvimento: desafios críticos desde uma leitura das práticas e das vozes das comunidades tradicionais. In: CRUZ, Valter do Carmo; OLIVEIRA, Denílson Araújo de (Org.). **Geografia e giro descolonial: experiências, ideias e horizontes de renovação do pensamento crítico.** 1. Ed., Rio de Janeiro : Letra Capital, 2017 p. 145-178



Revista
Ciências & Ideias